

A POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE À LUZ DO ABSURDISMO DE ALBERT CAMUS

Larissa Silva de Araújo (1); Vinicius Moraes de Souza (2); Emmanoel de Almeida Rufino (3).

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba Campus João Pessoa
araujolarissa2805@gmail.com, viniciusmoraissouza@gmail.com, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

Resumo do artigo: Na Segunda Guerra Mundial, o mundo sofria numerosas crises econômicas e ainda não havia se recuperado satisfatoriamente da primeira grande guerra mundial. Diante disso, alguns autores da época produziram obras que falavam de suas angústias diante do vivenciado, como é o caso de Albert Camus e de Carlos Drummond de Andrade, autores que escreveram obras retratando o sentimento vivido por eles e compartilhado por outros naquele cenário histórico. Drummond escreveu em 1940 sua obra “Sentimento do mundo”, uma coleção de poemas que apresenta grande sensibilidade diante dos acontecimentos da época; já em 1942, Albert Camus publica “O mito de Sísifo”, um ensaio filosófico sobre a filosofia do absurdo, discutindo as angústias humanas, especialmente afloradas nessa época. Em face do que dissemos, neste estudo buscamos pensar se os poemas de Drummond compartilham do absurdismo que marca a filosofia de Camus. Para a resolução dessa problemática, buscamos seguir três etapas metodológicas: na primeira, expor o conceito de “absurdo” para Camus; na segunda, analisar os sentidos dos poemas drummonianos no seu horizonte histórico; e por fim, analisar os referidos poemas a partir da concepção camusiana de absurdo.

Palavras-chave: Albert Camus, Carlos Drummond de Andrade, Segunda Guerra Mundial.

INTRODUÇÃO

“Viver sob este céu sufocante nos obriga a sair ou ficar. A questão é saber como se sai, no primeiro caso, e por que se fica, no segundo” (CAMUS, 2017, p. 40).

Nadécada de 1930 e 1940, o mundo enfrentava inúmeras crises econômicas e sociais e, sem haver se recuperado da Primeira Guerra Mundial, já havia entrado na segunda. Diante disto, alguns autores deste período produziram obras carregadas por suas angústias perante os acontecimentos, tal como é o caso do escritor Albert Camus que, em 1942, lança sua obra *O mito de Sísifo*, um ensaio filosófico sobre um tema que foi identificado por "A filosofia do absurdo" por Ronald Aronson, em seu artigo sobre Camus na Universidade de Enciclopédiade Stanford disse se tratar de "Uma filosofia que contesta a própria filosofia" (RONALD ARONSON, 2017, tradução nossa). Anterior a isso, em 1940, o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade publica seu livro *Sentimento do mundo*, uma coleção de poemas que tratam da mesma angústia abordada por outros escritores da época.

As obras de Camus e Drummond retratam bem o sentimento da época da Segunda Guerra Mundial, não só porque falam dela, mas pelos próprios autores a terem vivido. Nas obras, pode-se perceber o sentimento dos autores quanto aos acontecimentos, e também do mundo ao redor deles. Em face do exposto, este

trabalho busca pensar a seguinte questão: seríamos poemas de Drummond, poemas absurdistas? Para resolvermos a referida problemática, seguiremos três etapas de análise: a primeira é a descrição do que seria o “Absurdo” no *Mito de Sísifo* (2017) de Camus; a segunda é a apresentação e interpretação dos poemas escolhidos da obra “Sentimento do mundo” de Carlos Drummond de Andrade; e por fim, uma análise dos poemas a partir do que foi apresentado na “Filosofia do Absurdo”.

Tem-se como relevante este trabalho por apresentar uma visão filosófica sob os poemas de Carlos Drummond, demonstrando o vínculo entre o poeta e a obra de Camus, sendo dois autores de grande importância e que pouco são estudados juntos.

METODOLOGIA

Para a execução do trabalho, foram usadas referências bibliográficas. Dentre as referências e no tocante ao poeta Carlos Drummond de Andrade, fizemos uso de quatro poemas da obra, que são: “Sentimento do mundo”, “Lembrança do mundo antigo”, “Mãos dadas” e “Os ombros suportam o mundo”; já no que tange nossa referência ao pensamento de Albert Camus, fizemos uso da obra *O Mito de Sísifo*, que discute acuradamente o tema do absurdo e um artigo sobre “Albert Camus” escrito por Ronald Aronson.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Camus e o Absurdo

Camus inicia seu ensaio sobre o absurdo dizendo: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2017, p.19). E desta forma ele estabelece o tema sobre o qual está escrevendo.

Investigando a respeito do sentido da vida, Camus percebe uma conexão importante entre essa questão e a pergunta “há um sentido para a vida?”. Para ele, o suicídio é feito como uma solução a uma resposta “não” para a pergunta anterior. Responder que não há um sentido para a vida seria uma abertura para o “sentimento do absurdo”, ou como ele diz “Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário, é propriamente o sentimento do absurdo” (CAMUS, 2017, p.21). E para ele, há uma conexão

intrínseca entre tal sentimento e o desejo de alcançar o nada. O despertar do absurdo seria então o reconhecimento do vazio da vida, que em um grau além, leva o indivíduo a ver também estranheza nela e esse passa a estranhar todas as coisas que o cercam, ao ponto do próprio mundo em que vive ser estranho a ele, e ao ver o mundo como ele é, percebe a indiferença deste.

"O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo" (CAMUS, 2017, p.28). Por vez, isto nos leva a reconhecer o absurdo, este que se trata de um paradoxo, em que reconhecemos que possuímos o desejo por respostas a respeito de qual seria o sentido da existência, mas também reconhecemos que esta não nos apresentará resposta verdadeira, ou como diz Camus: "O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo." (CAMUS, 2017, p.39). O escritor nos aconselha então que não nos tornemos desesperados diante do absurdo, nem tentemos escapar dele, seja através do suicídio, ou seja, através da negação, devemos aceita-lo, e reconhecer a liberdade que nos é dada quando percebemos que não precisamos estar presos a um sentido.

Repitamos. Nada disso tem sentido real. Ainda temos que fazer progressos no caminho dessa liberdade. O último esforço para esses espíritos afins, criador ou conquistador, consiste em saber libertar-se também de seus empreendimentos: conseguir admitir que a obra, seja conquista, amor ou criação, pode não ser; consumir assim a inutilidade profunda de toda vida individual. Isso lhes dá mais facilidade na realização desta obra, assim como perceber o absurdo da vida os autorizava a mergulhar nela com todos os excessos (CAMUS, 2017, p.116).

2. Drummond e o *Sentimento do mundo*

Ao escrever a obra *Sentimento do mundo* (1940), Carlos Drummond estava vivenciando o período pós-primeira guerra mundial e o início da segunda. Por ser um poeta de grande sensibilidade, conseguiu retratar excelentemente as angustias da época em seu livro, usando muitas vezes do *eu lírico* para expressar as suas próprias angustias diante da guerra.

Dos poemas desta obra, vamos às análises dos quatro que escolhemos para este estudo e que representam muito a função da obra e a intenção do autor, esses poemas foram: "Sentimento do mundo", "Os ombros suportam o mundo", "Lembrança do mundo antigo" e "Mãos dadas".

Estes são os poemas citados, e suas respectivas análises:

Sentimento do Mundo

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.
Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.
Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.
Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer
esse amanhecer
mais que a noite.

No poema que deu nome ao livro *Sentimento do mundo*, o poeta Carlos Drummond se sente desamparado, vendo o mundo em um estado caótico, e a única coisa que pode fazer é escrever, usando sua habilidade literária e sua mente carregada pelo peso do mundo. Carrega consigo o peso da sensibilidade, porque ser poeta é se abrir ao estético, e como tal, ele abraça o mundo em suas dores e angústias. Assim o poeta se angústia, mas não pode abraçar todo o sentimento do mundo para além do que suas duas mãos lhe permitem. O sentimento do mundo é a “soma” das dores humanas que se conjugam em meio às arduas da guerra. O poeta até gostaria de expressá-las, apesar de carregar em si o peso do que significa esse sofrimento.

Mas ele apenas supõe tamanho sofrimento, tanto quanto as palavras lhe permitem. Essa angústia dá lugar à desesperança, e formam um mundo em que o sol nasce, apenas pra trazer mais escuridão:

*"Esse amanhecer
mais noite que a noite".*

Antes mesmo de identificar as fronteiras do mundo, Drummond sente pelo mundo o sentimento que é próprio de todas as regiões.

“Sinto-me disperso, anterior a fronteiras”

Os Ombros Suportam o Mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teu ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação

O poema *Os Ombros Suportam o Mundo* de Drummond, expressa que chegou um tempo em que o sentimento não mais importa, tempo que o amor não se mantém mais, e que o companheirismo não mais pendura. Drummond fala que perdeu-se o “saber” do sofrer, já que tornou-se “comum”, ou cotidiano tal experiência.

A vida continua, em meio às guerras e sofrimento, e Drummond diz que não nos libertamos disto ainda, alguns se entregaram a morte, outros, apenas vivem, como se fosse uma ordem, sem prazer, sem animo para a vida, apenas sobrevivem. E o mesmo sofrimento que as pessoas carregam em seus ombros, torna o mundo fraco, e as crianças desse tempo são condenadas a terem uma vida sofrida, nesse mundo fraco.

Lembrança do Mundo Antigo

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

O poema *Lembrança do Mundo Antigo*, expõe que o mundo é bonito, a infância é bonita, mas, isso, quando podemos olhar para o céu, e enxergar essa beleza, quando as coisas simples não são proibidas. Na guerra, a beleza se desfaz, o medo que antes era de algo ingênuo, se torna algo voraz, onde cada segundo é sufocante, e sem sentido, principalmente para uma criança, que ainda não compreende os motivos de uma guerra, provavelmente nem nós mesmo conhecemos tais motivos. Drummond, nesse poema, mostra as belezas do cotidiano, valorizando a simplicidade de alguns momentos, que, para ele, era de extrema importância perante ao vivenciado na época.

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considere a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história.
Não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista na janela.
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida.
Não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Drummond não quer usar suas poesias como escapismo, não quer desviar das coisas absurdas do mundo, quer confrontá-las.

*"O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente."*

Ou seja, o material que ele tem pra produzir é sobre o mundo que ele experiêcia, seus pensamentos estão nele, e ele acha que eles nunca deveriam estar em outro mundo. Esse mundo, por mais caótico que seja, é o que merece sua atenção, e é ele que será o objeto de reflexão em suas obras. Não quer fazer os pensamentos sobre o sentimento do mundo pesarem menos, nem mais que o próprio sentimento. Sem fantasias esperançosas, sem romantismo pessimista, sem sonhos positivistas, nem pesadelos melodramáticos

"Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida".

Os pensamentos de Drummond são sobre o mundo presente que lhe afeta, não o mundo passado que ele possa ter saudade, nem são sobre seus sonhos para um mundo futuro, e aconselha que todos precisam ir unidos, enfrentar o presente, ao invés de fugir dele

*"O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas."*

Nesses dois versos o poeta pede para que as pessoas não se afastem. No primeiro verso, não devem se afastar do presente, nem buscar o escapismo, precisam confrontar o terror absurdo que vivenciam. No segundo verso, a mensagem é de não se afastarem de si mesmos, devem se unir, abandonando tendências individualistas e egocêntricas, e abraçando um altruísmo que seria necessário para confrontar o sofrimento.

3. Drummond e Camus: o sofrimento e o absurdo

Podemos compreender através dos poemas analisados, que Drummond expressa que o sofrimento vivido se tornou parte do cotidiano, algo comum. Já não se sabe mais lidar com ele, as pessoas estão amedrontadas demais para isso, apenas se vive, sem ânimo. Este sofrimento, nos coloca num dilema, sobreviver ou nos entregar a morte.

Esse sofrimento, junto ao medo, traz um sentimento de insignificância, nada mais importa, nada parece demonstrar útil para o tempo em que ele vive, nem o amor ou mesmo a própria vida demonstram ter importância, "Porque o amor resultou inútil." diz Drummond em *Os Ombros Suportam o Mundo* (ANDRADE, 1993).

Porém, mesmo diante de tudo, o poeta aconselha que não se deve fugir do sofrimento, pois, o momento presente é o que precisa ser encarado, e é onde nossa atenção deve estar, sem escapismos. Por mais que tenhamos vontade de

contemplar nossas saudades de um mundo antigo, ou mesmo nossas esperanças de um mundo melhor, todos os sofrimentos e angústias do tempo presente precisam ser notados e encarados, para que possamos dar uma resposta a ela. Todas essas ideias se fazem evidente no poema *Mãos Dadas*.

Reconhecer as angústias e o absurdo, se aprofundar no sentimento do mundo, e tomar iniciativa de encará-lo, são temáticas da obra de Drummond, tanto quanto são da obra de Camus.

O filósofo trata em todo seu livro sobre a aflição e tormento que faz com que uns julguem que a vida não vale a pena ser vivida, e que outros busquem perspectivas de fuga a esse problema: o absurdo. O sofrimento apresentado por Drummond em sua obra traz a mesma aflição que representa o absurdo tratado no ensaio filosófico. A noção de uma vida sem importância, onde todos os dias se sucedem apenas para trazer mais do mesmo sofrimento. Tal como Sísifo torna a levantar sua pedra, no mito titular da obra de Camus, Drummond torna a acordar numa manhã que diz ser tão escura quanto a noite.

Os autores não apenas tratam do mesmo assunto, como também chegam à mesma conclusão: é necessário encarar nossa angústia e sofrimento, e nos libertarmos diante disso.

CONCLUSÕES

Tal como o poeta faz em *O sentimento do mundo*, o filósofo faz em *O mito de Sísifo*. Em face das agonias e aflições que conduzem as pessoas a creem que a vida que vivem, não vale a pena ser vivida, Camus e Drummond sugerem, uma resposta, que se trata de negar o escapismo, seja esse através de sentidos ilusórios para a vida, de romances esperançosos e entorpecentes, ou mesmo através da fuga da própria vida. O que se deve ser feito então, para ambos os escritores, é reconhecer que suas vivências são absurdas, mas não se desesperar quanto a isso, e sim olhar para o céu sufocante, cheio de manhãs escuras como a noite, e tomá-lo como impulso para agir de forma racional e esforçada, e nos libertarmos das lamentações e das falsas esperanças.

É certo que a metodologia que os autores usam se difere, e os conhecimentos em que se aprofundaram faz com que tragam informações e até ideias diferentes em suas obras, mas suas perspectivas e aconselhamentos não se distanciam.

Em virtude disso, acreditamos que os poemas contidos na obra *O Sentimento do Mundo*, incorporam a filosofia do absurdo de Camus,

podendo ser lida através dessa perspectiva filosófica, e ser encarada como uma criação que faz parte da literatura absurdista. Tirando conclusões semelhantes, das observações que fazem do mundo que experienciaram, os autores nos trazem respostas que se fazem relevantes até o presente momento. Nos ensinando o porquê e como encarar a angústia de nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do mundo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

ARONSON, Ronald. **Albert Camus: The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Spring 2016 edition) Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2017/entries/camus/>>. Acesso em: 11/09/2017

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 9ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

